ABSTRACT: *This text evokes the author's memory and its reflections around the time and the images made for the man. In poetic and literary style, mixing fantasies and details of the reality, the author justifies its choice for the picture while instrument of apprehension of the world, in its duration, in its eternity, in the finite and infinite of our existence.*

KEY WORDS: Time. Memory. Picture.

RESUMO: *Este texto evoca a memória do autor e suas reflexões em torno do tempo e as imagens criadas pelo homem. Em estilo poético e literário, mesclando fantasias e detalhes da realidade, o autor justifica sua escolha pela fotografia enquanto instrumento de apreensão do mundo, em sua duração, em sua eternidade, no finito e infinito de nossa existência.*

PALAVRAS-CHAVE: Tempo. Memória. Fotografia.

EVGEN BAVCAR

Inapreensível Presença do Tempo

Tradução
Elida Tessler

Eu era pequeno ainda quando os velhos me contavam uma história extraordinária. Ele, eu nunca conheci. Ele queria parar o tempo. Um dia, de manhãzinha, ele juntou todos os relógios que sua família possuía, escondeu-os em seus bolsos e, como um ladrão, deixou a casa em segredo, correu até a barragem e os atirou no lago. Eles tinham ficado cheios de água e seu tique-taque mergulhara na lama onde os operários os encontraram. Decidiu-se encerrá-lo pelo resto de sua vida, por dias que os relógios não sabiam mais contar. Ninguém compreendera sua revolta contra o tempo, contra o inimigo comum que tentamos vencer, sabendo perdida, por antecipação, a batalha.

Eu também queria suspender o tempo, sobretudo aquele da infância, que se acabava demasiado rápido e perdia seus encantos. Meu assombro continuava irrealizado diante de um mundo desaparecido em aléns insuspeitáveis.

Eu não tinha, então, instrumento para medir a duração e devia escutar o sol que viajava desde a montanha do Leste até à do Oeste. Acompanhei do mesmo modo navios de papel que as correntes de meus regatos arrastavam para longe. Como todas as crianças do povoado, eu sonhava ter um relógio que, por falta de dinheiro, eu me contentava em desenhar no meu pulso,

sem saber que seu mostrador indicava o tempo parado de meus sonhos inacabados. Na igreja, durante a missa, eu admirava aqueles de meus semelhantes que olhavam sem cessar em sua verdadeira jóia o batimento de um coração invisível.

Agora, eu me surpreendo às vezes a escutar em minha memória o olhar maravilhado de uma criança, para o relógio do campanário que indicava três horas de uma tarde qualquer. Ele não sabia que era a hora do Cristo, a hora em que tudo se consuma. Não via senão o ponteiro rápido congelado na vertical e o ponteiro lento pregado na horizontal. Eles desenhavam um homem sentado, esgotado pelo breve trajeto de uma existência terrestre. Talvez seja sempre o jovem ancião precipitado para fora de nosso mundo. Mas talvez o tempo já tenha apagado esta pintura antiga, pois um novo relógio, instalado há pouco, soa na noite do silêncio. Esperei muito tempo para ter um relógio meu. Lembro que era luminoso e que o pequeno mostrador dos segundos saltitava de alegria sob meus olhares renovados. Porém a criança que eu era queria também saber por que aquela hora e não uma outra. Procurava o segredo das senhas que definiam a duração das alegrias e das tristezas. Assim, desmontei vários relógios para apreender o sentido do tempo, à maneira de "enfants terribles" que se dedicam à vontade de sempre saber o por-

quê e se tornam operários no laboratório do mundo. Desmontam-se assim as arapucas, para perceber a vida que foge sem saber que a morte virá. Talvez não seja tão importante saber o que é a vida, o que é o tempo.

Outrora, era para as grandes saídas que se ostentava o relógio: como ir à cidade sem o adorno de exceção que apagava o cotidiano? Revejo o gesto de meus parentes que acertavam o tempo antes de sair para negócios importantes. Mais tarde, uma moça generosa me deixou nu: tirou-me o relógio do pulso para suspender o tempo que não nos pertencia. Consciente do peso em movimento que fazia rodar nossos minutos, ela temia que eu medisse a duração de nossos abraços. E o momento parou logo que retomei minha pulseira de relógio e que ela reencontrou o mundo, como de costume.

O sino de meu povoado definia sozinho o tempo da partida que ninguém sabia medir nem prever. Vejo ainda o velho "bicha" que prendia orgulhosamente a corrente de ouro em sua botoeira: sabia-se que era domingo e que era dia de festa. No verão, quando as ervas de julho se inclinavam para a luz de agosto, devia-se olhar o cimo de uma árvore: o sol suspenso em sua crina dizia que já eram cinco horas. O vento do leste trazia as notas do Ângelus nos badalos de um sino escondido pelas montanhas. Ele ficava invisível como para me dizer que a eternidade

me pertencia por alguns instantes. Porém, quem poderia acreditar nisso, naquele momento em que os perfumes do mundo levados pelo vento eram tão raros?

Em Paris, o tempo jamais me pareceu longo. Ali perdi o hábito das trevas no meio das precipitações. Não se pode suspender o fluxo dos acontecimentos e se corre sem jamais saber para onde nem por quê. Tenho a impressão, às vezes, de que a cidade também tem um relógio, mas que ninguém pode ler nele o tempo verdadeiro.

A primeira vez que vim à Suíça, um relógio se mostrava a meus olhares no alto da montanha. Outrora eu vira assim esse país, em um desenho de jornal para crianças. Esperava preservar para sempre esta geografia idílica que mostrava tudo sem estatísticas edificantes. Essa imagem longínqua me protegia das aparições malévolas do *gulag* de bem-estar. Porém como me impregnar da precisão da paisagem e constituir minha própria psicogeometria a partir das narrativas de minha dedicada acompanhante? Ela era enfermeira, como deve ser nesse país, para os aposentados involuntários de minha espécie, escapados das clínicas ou dos sanatórios ocasionais. Foi em seu país que pude ouvir distintamente o tique-taque e até o anúncio da esperada primavera: era o cuco brotado do muro das indiferenças. Eu a segui nesta região privi-

legiada, eu a sabia perfeita para inventar um outro tempo, aquele que nunca volta, como os sonhos. No entanto, as mãos dos operários se encarniçavam em fabricar luxuosos painéis de bordo e eu sentia o clarão dos ponteiros que se obstinavam em indicar a precisão. Nada além da precisão. Compreendi então a fé na matemática, no milagre dos números e os mistérios do tempo fixado. Porém alguns amigos suíços, sem olhar seu relógio, concederam-me o tempo de sua amizade e de uma acolhida calorosa. Eu sabia que a noite do Jura seria demasiado curta para ser medida no cronômetro do coração, que muito frequentemente me falta. Como escrever uma carta de amor à minha bela enfermeira? Faltava-me o papel milimetrado que um de seus compatriotas declarara necessário. O vento dissipou de repente os gritos de morte dos corvos que, de noite, obsedavam minhas insônias nessas alturas. Perto de mim, zumbia um coração do qual eu estava separado pela parede dos impossíveis. Minha companheira era de qualidade superior, como os relógios que eu admirara na fábrica à tarde: ela era também totalmente impermeável às lágrimas de Eros. Nos intervalos do silêncio, eu ouvia ainda a voz da operária que insistia: você pode até mergulhar com este relógio.

Foi em um país vestido de silêncio que subitamente me senti pobre, quase na miséria. Compreendi que

pouco tempo me era concedido e que meus sonhos iriam logo dissipar-se no rodar do trem que me conduziria a Paris. Apesar disso, eu me recompus, fazia como se devesse ficar com ela por toda a eternidade. A aurora era minha, com esta solidão incomunicável a outrem, que se poderia chamar “o despertar da consciência do mundo”.

Gentilmente, como na véspera, ela me acompanhou ao museu do Tempo, onde os tempos tangíveis de outrora se refugiaram em um grande número de instrumentos que mediam os destinos de pessoas que jamais encontrarei. Talvez, mas a certeza é tão ínfima. Furtivamente, quase como acossado pelo galope dos minutos encurtados, apressei-me em compreender a cronometragem dos corações que se reuniam sob esses relógios.

Lá, na parede, ao pé de um relógio, percebi três damas que, com despreocupação encenavam meu tempo terrestre. São as três Parcas, diziam-me. Mais para mim do que para a acompanhante a meu lado, cochichei seus nomes: Cloto, Láquesis, Airopos. Eu queria ocultá-las a seu olhar, a suas despreocupações. Quando meu olhar próximo percebeu a cabeça da primeira, que tecia o fio de minha existência, eu a desejei indulgente e generosa, com o respeito de todos os que nunca sabem quanto tempo ainda. A segunda me pareceu mais familiar, aplicando-se à fatalidade dos amantes, que ela pegava,

para colocá-los docilmente na memória do vivido.

A terceira me pareceu a mais pacífica, pois trazia nela a certeza do mundo, a finalidade inapelável de nossos destinos. Ela me fazia medo, e eu preferia encontrar as duas primeiras, pois entre elas ainda havia um pouco de espaço para as esperanças e para os desconhecidos de meus amanhãs.

Esquecendo a fatalidade desse fio, descemos das alturas do Jura para encontrar os vales onde já começava a vida do dia claro. No trem, pensei em Pompéia, onde se realizou o desejo de

um Fausto. Porém esta eternidade me parecia triste por seu odor de cinzas que começava a invadir as pessoas para fixá-las em um instante petrificado. Tantos anos depois, eu temia o olhar do vulcão, semelhante àquele da Górgone que dá a lembrança, ao mesmo tempo que priva do vivido.

Compreendi que me seria difícil, mais tarde, reencontrar os momentos presentes apesar da abundância das cinzas que congelavam nossos passos. Subitamente, eu queria rebelar-me, matar o tempo, tão violenta era em mim a esperança do tempo das cerejas. Eu também peguei um fuzil para abater o instrumento que media a extensão de meus sonhos e a perenidade de meus

suspiros. Então, compreendi minha desgraça, este sentimento inexplicável que me assaltava tão freqüentemente quando me encontrava sob as altas montanhas que me pareciam tão inacessíveis.

Nossa vida talvez seja apenas uma seqüência de pequenos vales e de alturas onde a gente se embala no tempo consumado, naquele que se desejaria ignorar. Porém ele resiste a nós, sabendo bem que nos vai vencer e que não teremos nem mesmo as honras da guerra após este corpo-a-corpo antecipadamente perdido.

Toda nossa vida é uma longa aprendizagem: como amar o Tempo? Às vezes, eu era um bom aluno, mas na maior parte do tempo não cumpri os deveres impostos. Um dia, diante do lago de uma cidade, colhi imagens de uma bela montanha. Nossos instantes foram dos mais preciosos, pois que eu os sabia curtos e inelutavelmente perdidos para a memória. Para convencê-la de minhas palavras, para acalmá-la, toquei seu punho da pulseira de ouro. Sentia desesperadamente sua mão entregar-se à fluidez que deslizava sobre a ternura de sua pele. Por fim, compreendi que ela também se fazia pára-choques. Senti-me sozinho nestas horas que ela considerava como o ensaio ge-

Pensei compreender a eterna infância do tempo que nos assaltava e que não tinha peso suficiente para nos marcar com seu cetro invisível.

ral, só que, para mim, tudo se desenrolava de verdade, sem esperança de um segundo ensaio. Eu queria dizer-lhe que estamos submetidos ao reino do Tempo sob a forma de um filho que é ao mesmo tempo seu próprio pai. Pensei compreender a eterna infância do tempo que nos assaltava e que não tinha peso suficiente para nos marcar com seu cetro invisível.

Agora, eu me prosterno mais freqüentemente diante dos altares deste reizinho, embora me pareça que minhas preces nem sempre são atendidas por Sua Majestade. Humilde e modesto, ajoelho-me diante deste Deus que habita em toda parte, sem que se possa indicar o palácio de suas origens. Sei que um dia ele não atenderá minhas súplicas e que não estarei sequer em condições de expressar minha surpresa diante de tal indiferença. No silêncio das noites, penso seguidamente nesses rituais, quando na "obscuridade do momento vivido" não posso antever a face oculta de meus "presentemente".

Evidentemente, há sempre "Sanchos Pança" que me informam as horas exatas, para me roubar o tempo de meus sonhos e de meus imprevistos. Sem vê-los realmente, perscruto os ponteiros do (relógio) Cosmos, que me indicam a passagem entre o dia e a

noite. A noite se estende um pouco mais quando esqueço de escutar o cronômetro interior ou não escuto suficientemente outros ruídos. Sou surpreendido pelo tempo que se esvai em seus estreitos limites que separam o crepúsculo de minhas auroras e me regozijo quando uma plácida manhã me faz crer que possuo um tempo inacabado.

Fotografando, jogo com os anjos da luz; eles, os seres de olhar dúplice, conhecem o mundo da duração e também da eternidade. Olham simultaneamente para o finito e para o infinito de nossa existência.

Eles vêm generosamente conceder-me seu auxílio a fim de que a luz se faça valer, para que as imagens resistam às trevas. Quando eles estão morrendo aos milhares, fingem um passamento aparente para reaparecer sob a forma da luz congelada nas imagens. É assim que nos fazem compreender nosso próprio futuro, a luz na qual vamos parar, na suprema experiência do Tempo. Como cúmplices, eles confirmam a generosidade e nos enviam seu sorriso quando se medita sobre o Tempo sem apreendê-lo como eles. Em sua infinita cumplicidade, são os mediadores entre o mundo conhecido e aquele que incessantemente oculta de nós o seu rosto. Está talvez

Sou surpreendido pelo tempo que se esvai em seus estreitos limites que separam o crepúsculo de minhas auroras...

aí o berço do Tempo que nos é atribuí-
do em partilha, mas também aquele

que podemos criar e ver nos nossos
sonhos.

ELIANE CHIRON (França): Artista Plástica, Doutora e Professora do Doutorado em Artes Plásticas da Universidade de Paris I, Coordenadora do DEA e Vice-Diretora do CERAP na mesma Universidade.

Autora de várias publicações e exposições em diversos países.

Membro do acordo CAPES/COFECUB estabelecido entre o CERAP e o PPG em Artes Visuais da UFRGS.

SÔNIA TABORDA (Brasil): Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.